

## A Micro-história e o método da história de vida

MASSIMO BONATO<sup>1</sup>

### RESUMO

Esta comunicação procura apresentar, a partir de trabalhos em andamento para realização de uma pesquisa de doutorado sobre as experiências missionárias iniciadas na Belo Horizonte dos anos 60 por um grupo de jovens italianos, algumas reflexões acerca da chamada micro-história e suas possibilidades e relações com as técnicas da metodologia qualitativa, principalmente no âmbito da sociologia e da história. Partindo dos pressupostos de que a metodologia qualitativa é a que privilegia a análise de micro-processos, procuramos mostrar como a micro-história se apresenta como alternativa válida de investigação para examinar trajetórias individuais e de grupos, no momento em que permite elaborar generalizações analítico-teóricas de uma problemática mais ampla de pesquisa. É nosso interesse, também, apontar alguns dos principais questionamentos que se apresentam à metodologia qualitativa, com foco naqueles que tangem ao processo de estudo de trajetórias individuais e do chamado “método da história de vida”.

**Palavras-chave:** Micro-história; Metodologia Qualitativa; História de Vida.

As reflexões aqui apresentadas partem, principalmente, do estudo para uma pesquisa de doutorado,<sup>2</sup> que se encontra em andamento e que visa discutir a crise macro-institucional da Igreja Católica, no decorrer da segunda metade do século XX, a partir de uma investigação no nível micro das *experiências* missionárias iniciadas na Belo Horizonte dos anos 60 por um grupo de jovens italianos, militantes leigos da *Gioventù di Azione Cattolica* de Milão, assim como das suas respectivas *trajetórias de vida*. Sendo assim delineada, a nossa pesquisa apresenta como sua marca peculiar o fato de que procura fornecer uma contribuição em uma chave histórica e sociológica essencialmente micro-macro.

Neste intuito, procuramos elaborar a nossa reflexão sobre a micro-história a partir de algumas questões acerca da abordagem metodológica que pretendemos adotar na referida pesquisa. Sendo a utilização da metodologia qualitativa a nossa opção na construção do estudo, tentamos elucidar neste texto como a micro-história se insere em

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia da USP – Bolsista FAPESP

<sup>2</sup> Projeto intitulado: “Igreja católica e modernização social: análise sociológica da crise do catolicismo a partir da experiência missionária de um grupo de jovens italianos na Belo Horizonte dos anos 1960”.

tal perspectiva de análise e quais possibilidades e limites pode proporcionar na reconstrução de ações sociais individuais e grupais.

A nossa argumentação começa, portanto, tratando principalmente das possibilidades de enquadrar a “micro-história”<sup>3</sup> dentro de uma discussão geral sobre métodos qualitativos e técnicas de pesquisa em sociologia. Além destes aspectos, procuramos tratar algumas noções que são relacionadas a tal perspectiva e que remetem ao estudo do indivíduo e de suas ações sociais. Nesse sentido, serão apresentadas algumas reflexões em torno da categoria de *história de vida*, entendida aqui como uma técnica de pesquisa, na medida em que ajuda a constituir a base empírica do edifício da nossa investigação.

As denominadas metodologias qualitativas “privilegiam, de modo geral, da análise de micro processos, através do estudo das ações individuais e grupais” (Martins, 2004, p. 292), propondo realizar um exame intensivo de dados produzidos a partir de um exame minucioso de uma unidade social circunscrita, visando também um aproveitamento dos dados o mais completo possível. Da mesma maneira, a micro-história propõe um desafio análogo para o pesquisador no momento que, a partir de um recorte do objeto em uma dimensão micro, procura promover um exame intensivo dos processos nos quais ele se insere. O método permite ao pesquisador construir, a partir de um “outro” ponto de observação, uma trama narrativa diferenciada. Ele cria condições para que, a partir de um nível empírico do próprio universo de análise, seja realizado um processo de generalização analítico teórico que permite reflexões sobre uma problemática mais ampla que o próprio objeto.

É preciso dizer, antes de mais nada, que, como lembram alguns historiadores, é muito difícil apontar textos matrizes e mais ainda identificar um estudo teórico ou um “manifesto fundador” da micro-história (Grendi, 2006; Levi, 2007; Revel, 2006). A

---

<sup>3</sup> Acreditamos que seja necessário um esclarecimento preliminar da forma como entendemos, nesse artigo, a ideia de micro-história. O historiador Jaques Revel faz uma distinção entre duas vertentes da micro-história, sendo a primeira a “americana”, proposta por Carlo Ginzburg e essencialmente baseada na ideia de “paradigma indiciário”; e uma segunda versão, a “francesa”, que entende a micro-história como uma investigação acerca da história social e sobre a construção dos seus objetos (Revel, 2006). Neste trabalho, partimos dos pressupostos da segunda vertente, que propõe uma abordagem micro analítica para a reconstrução de processos sociais. Para uma reflexão aprofundada sobre a micro-história leia-se com proveito LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

abordagem não se constitui como uma teoria acabada e com um corpo de proposições e postulados unificados, assim como não é uma escola de pensamento, ainda menos uma disciplina autônoma. A micro-história nasce eminentemente de uma prática, como esforço de um exercício empírico comum a um grupo de estudiosos reunidos pelas mesmas intenções de adotar uma renovada perspectiva de discussão e de abordagem. A micro-história ganha espaço como uma reação, como uma tomada de posição contra um certo “fazer” pesquisa e contra determinadas “práticas” no âmbito da história social (Revel, 2006).

Um primeiro aspecto a partir do qual é possível traçar uma definição da micro-história e de sua peculiaridade de abordagem se apresenta no procedimento de *mudança da escala de análise*. Ela se diferencia de uma usual abordagem adotada por diversos estudiosos das ciências sociais que trabalham a partir de estudos monográficos inscritos em uma unidade delimitada, concreta, apreensível. Esta perspectiva monográfica de análise, concebida como um quadro prático, um espaço no qual se deve fornecer dados e provas, não considera tal procedimento de escala de observação como um problema central, mas se preocupa prioritariamente em mostrar a representatividade de cada amostra.

Ao contrário, na perspectiva de análise proposta pela micro-história, o elemento que vale a pena considerar reside no princípio central e na convicção de que a opção por uma particular *escala de observação* seria capaz de proporcionar “específicos” elementos de conhecimento. Tal opção poderia, portanto, se tornar um veículo privilegiado para uma estratégia de estudo. Segundo Revel, o procedimento de variação de distância de observação não significa somente aumentar ou diminuir as dimensões do objeto focado, mas “modificar a forma e a trama” (Revel, 2006, p. 24, tradução nossa).

Como apontam diversos estudiosos (Lima, 2006; Revel, 2006), Giovanni Levi explorou de maneira sistemática as possibilidades desta abordagem baseada na perspectiva da micro-análise. O autor utilizou este procedimento de variação de escala de observação nas suas pesquisas,<sup>4</sup> como no caso de um estudo que reconstrói a trajetória de vida de um padre exorcista de um pequeno vilarejo da região do Piemonte,

---

<sup>4</sup> Ver LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2000.

na Itália, do século XVII. Em um quadro micro, ele faz uso de uma técnica intensiva para reconstruir e investigar a vida de um indivíduo e toda uma série de acontecimentos biográficos da população do pequeno vilarejo. A adoção desta perspectiva de análise se torna pertinente no momento que se considera o objetivo principal do estudioso italiano, que é de mostrar como, além das dinâmicas gerais dos acontecimentos visíveis, há toda uma influência de tendências “menos perceptíveis” como a das estratégias desenvolvidas para cada ator em função das suas respectivas posições e recursos individuais, familiares e grupais, dos seus problemas, escolhas e incertezas.

Essa mudança de escala de observação, que pode também ser vista por parte dos micro-historiadores como uma reação ao incomodo frente aos modelos interpretativos rígidos, foi aplicada por Levi também em outra pesquisa sobre um bairro operário na cidade de Turim, no período entre as duas guerras mundiais (Lima, 2006). Com a colaboração de duas antropólogas, Lucetta Scaraffia e Luisa Passerini, foi elaborada uma reflexão sobre o tema da “História Oral: entre antropologia e história”.<sup>5</sup> Por meio de entrevistas com os operários, o propósito era o de considerar como esses indivíduos viviam as suas experiência de trabalho na vida cotidiana, e, dessa forma, buscar entender as dinâmicas de uma experiência de classe, e compreender as especificidades de uma cultura própria a esse grupo a partir de uma perspectiva “alternativa”, que considerasse com mais atenção os elementos internos.

O procedimento de mudança de escala de observação proporciona um desafio importante de ordem metodológica, no momento em que, conforme o próprio Revel aponta, evita que a trama narrativa da pesquisa seja presa entorno de uma concepção de contexto fixa, de caráter marcadamente repetitivo (Revel, 2006). Por outro lado, a principal virtude dos mencionados estudos de Giovanni Levi reside na capacidade do pesquisador de saber deslocar-se em uma multiplicidade de planos temporais e espaciais, modulando variações de contexto e adequando o seu campo de análise a um contexto sempre pertinente com os objetivos centrais da sua investigação.

---

<sup>5</sup> Esta reflexão foi publicada em forma de artigo. Ver LEVI, Giovanni; SCARAFFIA, Lucetta; PASSERINI, Luisa. “Vita quotidiana in un quartiere operaio di Torino fra le due guerre: l’apporto della storia orale”, In: *Quaderni storici*, n. 35, XII, 1977, pp. 433-449.

Revel sugere que a possibilidade de trilhar o mesmo caminho do procedimento utilizado por Levi, ou seja, buscar escalas variáveis de observação adequadas ao estudo de fenômenos relacionados entre si, não é um privilégio restrito aos micro-historiadores (Revel, 2000). Tal abordagem possibilita reflexões em outros campos na medida em que se aplica ao estudo de trajetórias individuais ou grupais e permite, por meio de micro-análises, a reconstrução de fenômenos sociais.

A opção pelo procedimento de mudança de escala de observação no trabalho de pesquisa implica que seja necessário considerar o objeto empírico a partir dos seguintes pressupostos:

1) Tratando com atenção a dimensão de multiplicidade de experiências e de representações sociais (que são peculiares ao grupo de missionários católicos da nossa pesquisa), no momento que não procedem de forma linear, mas que, ao invés disso, podem apresentar elementos de contradição e de ambiguidade nas suas dinâmicas internas;

2) Pensando as ações sociais dos atores históricos que queremos examinar como referentes a agentes que participam, em diferentes medidas, de processos de dimensões e níveis diferentes, do mais local ao mais global (O militante católico que tem uma atuação pastoral, em bairros e comunidades, pode atuar também numa dimensão missionária, no sentido de pensar e contribuir para as estratégias de evangelização da Igreja).

Ambos os pressupostos se aplicam a nosso estudo uma vez que as ações sociais dos indivíduos e também do grupo têm a peculiaridade de se mover em um contexto que não é somente local, ou seja, não se inscrevem só no espaço de Belo Horizonte, mas se deslocam em um plano global. Elas permitem, portanto, elaborar a partir de planos de *escala* de análise “múltiplos”, observar um processo histórico de desenvolvimento cultural da história da Igreja Católica tanto nas suas dimensões locais (Milão, Belo Horizonte) quanto globais (Itália, Brasil). Torna-se possível a partir de tal exercício de modulação de planos de observação flagrar as peculiaridades características e os elementos intrínsecos próprios das complexas relações da religião católica em face do processo de modernização social no século XX.

É importante esclarecer ainda que na abordagem da micro-história, a escolha de um grupo ao invés de outro, ou de um indivíduo ao invés de um outro, não parte prioritariamente de um critério de *representatividade*, mas, mais que isso, a trajetória do indivíduo ou grupo escolhido, nas suas próprias *peculiaridades*, permite expor as questões e os problemas que os estudiosos querem compreender ou interpretar.

Esse tipo de abordagem proposto pela microanálise histórica apresenta, por alguns aspectos, analogias com as metodologias qualitativas no momento em que a escolha do pesquisador se direciona em favor de uma amostra de tipo não probabilístico. É importante ter em conta que, como frisam Deslaurieres & Kerist (2008), quando se recorre a uma amostra de tipo não probabilístico, essa é pensada e constituída não por um mero acaso, mas em função de características precisas que o pesquisador pretende analisar. Isso significa que o indivíduo se torna lugar de uma atividade de leitura, de interpretação e de construção do real, de compreensão subjetiva (Gribaudi, 2006, p. 122).

A peculiaridade da abordagem micro-analítica reside no elemento da instabilidade das formas, dos processos generativos, e do papel central dado às ações individuais. O sistema ao qual remete esse tipo de abordagem é de um processo histórico que se desenvolve por dinâmicas próprias de configurações sociais de natureza complexa, não lineares e a cada momento imprevisíveis. Essa atenção dada ao elemento de imprevisibilidade é uma marca forte da abordagem micro-analítica. Os processos são abertos.

Nesse sentido, entende-se que os recursos metodológicos da micro-história, que procuramos descrever, nos auxiliarão nas tarefas de analisar a reconstrução discursiva das experiências missionárias do grupo apresentadas pelos diversos militantes nas entrevistas e depoimentos. Sempre em vista de um exame contextualizado de determinadas tomadas de posição o que pretendemos realizar é uma aplicação do procedimento de redução de escala de observação que seja útil para flagrar as trajetórias dos sujeitos em seus diversos espaços sociais e conjunturas históricas variáveis.

Conforme já mencionado, de acordo com a nossa escolha a favor de uma metodologia qualitativa que procura posicionar seu foco de análise nas ações sociais de

um grupo e de indivíduos, após ter relacionado essa perspectiva de estudo com a abordagem da micro-história, cabe agora nos deter acerca da ideia de *história de vida*, procurando mostrar como essa abordagem metodológica pode ser adequada para refletir acerca do nosso objeto empírico e também pode funcionar como recurso operativo fundamental da nossa investigação histórica e sociológica.

### ***História de vida***

No campo das ciências sociais, especialmente no caso das discussões acerca da metodologia qualitativa, é preciso considerar todo um repertório bastante heterogêneo de métodos e técnicas, que se constituem como uma série de ferramentas das quais o pesquisador pode fazer uso nas diversas fases do trabalho, seja no delineamento do objeto, coleta e análise dos dados seja na construção da interpretação do problema colocado.

Jean Pierre Deslaurieres e Michele Kerist (2008) mostram a abrangência do processo de delineamento de uma pesquisa, que compreende, além do aspecto metodológico, o problema de pesquisa, sua pertinência, as estratégias para sua realização e os questionamentos que se busca responder. Para os dois estudiosos, vários fatores influenciam na escolha e elaboração desse delineamento. A própria existência dessa série de técnicas e ferramentas metodológicas influencia essa decisão. Para a coleta das informações, os estudiosos enfatizam algumas técnicas básicas, como a observação participante, a entrevista, o questionário, a fotografia, os documentos audiovisuais, a análise de conteúdo e a história de vida. Esta última nos interessa de forma particular.

O método da história de vida ganhou muito espaço nas últimas décadas no âmbito da História e, em geral, das Ciências Sociais. A redescoberta desta abordagem se deve principalmente às experiências de estudiosos atentos ao “cotidiano” e às “subjetividades”, à história oral e aos estudos sobre a cultura popular (Ferrarotti, 1981; Loriga, 2006). O reconhecimento da validade do método biográfico como instrumento de pesquisa se deve também a um desejo de trazer para o primeiro plano os “excluídos” da memória.

Partindo do método de história de vida torna-se possível recompor e compreender o âmbito das tendências historiográficas de um preciso momento (década de 1970 e 1980) no qual estava sendo “repensada” a ideia de uma história síntese. Da mesma forma, a aceitação da categoria de história de vida e o seu reconhecimento como método de pesquisa autônomo, permite também lançar luz para compreender um pouco mais a proposta da micro-história dentro desse quadro de discussão das práticas historiográficas.

Essa aceitação do método de história de vida pode ser vista como um sinal da difusão de exigências por se buscar inovações teórico-metodológicas que inevitavelmente e conseqüentemente permitiram a abertura de espaços para as experimentações de práticas historiográficas.

Emblemática desse tipo de enfoque experimental é a coleção *Microstorie einaudiane* (Grendi, 2006), que foi composta por diversas pesquisas que, a partir da biografia de uma freira, de um pintor ou um exorcista, apresentavam percursos de práticas analíticas originais, seja pela peculiar forma da reconstrução de um problema historiográfico, como também pela abordagem metodológica favorável a uma “história de baixo”.

No caso da proposta da microanálise histórica, a abertura para a prática de uma “historia de baixo” traz à tona ao mesmo tempo a sua componente mais *trendy*, de atenção, preocupação e sensibilidade às mudanças do panorama historiográfico por parte dos micro-historiadores, como também ilumina o seu elemento caracterizante e distintivo, de propiciar percursos de análise partindo de um cuidado prioritário com a questão *da opção de escala* de observação (Grendi, 2006).

A mesma dimensão de *escala* de análise atenta a uma “história de baixo” se encontra nas preocupações de alguns sociólogos voltados para a renovação de um campo disciplinar que gradativamente procurava abrir espaços para novos percursos de investigação sociológica. Emblemática, a tal propósito, é a reflexão proposta por Franco Ferrarotti que, considera a *história de vida*, no campo da sociologia, como um método fundamental de análise. Contudo, o sociólogo italiano alerta que a adoção crítica desse método não é uma operação simples e menos ainda a opção em favor de um caminho

mais cômodo (Ferrarotti, 1981). A respeito dessa discussão já há algumas décadas foram realizadas diversas reflexões críticas a respeito do uso do gênero biográfico e de sua apropriação na construção de análise científica a respeito dos fenômenos sociais (Dosse, 2009). A título exemplar podemos mencionar a reflexão de Pierre Bourdieu que, apesar de crítico quanto ao gênero biográfico, se torna útil no momento em que, segundo ele, “a história de vida é uma dessas noções que entraram de “contrabando no universo do saber”. (Bourdieu, 2007, p.74). O sociólogo francês alerta que a idéia de *trajetória de vida* entendida como: “(...) série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes relações” (Bourdieu, 2007, p.81) pode dificultar a compreensão dos processos sociais. Para Bourdieu, não se pode compreender uma trajetória sem que se tenha, previamente, construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenvolveu e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (Bourdieu, 2005; 2007). O autor chama atenção para a chamada “ilusão biográfica”, adotando uma postura crítica contra aquela perspectiva que descreve a vida como um caminho, um percurso, um deslocamento linear, que comporta um começo e um fim da história. Segundo o sociólogo francês, a adoção, sem questionamentos, deste tipo de exercício narrativo significaria aceitar tacitamente a filosofia da história. Para ele, essa inclinação levaria a um percurso, que através de uma seleção, em função de uma intenção global, construiria uma narrativa constituída de certos acontecimentos *significativos*.

O reconhecimento da autonomia do método biográfico passa, portanto, primeiro por postura crítica da noção de *história de vida* enquanto categoria conceitual e, em segunda instância, segue necessariamente uma avaliação das suas reais potencialidades e possíveis aplicações operativas.

É bastante claro e evidente, como lembra Ferrarotti (1981), que na perspectiva da categoria de *história de vida*, há toda uma série de convergências que unem o método biográfico à história social, história oral, nova história, história de baixo. Contudo, fundamental para os cientistas sociais ou historiadores é não confundi-las.

No campo da sociologia, Maria Isaura de Queiroz sugere uma pista interessante, definindo a *história de vida* como “um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (Queiroz, 1991, p. 6). O que é preciso destacar para os objetivos de uma pesquisa sociológica é que esse tipo de narrativa fornece para o pesquisador um material que precisa ser analisado para além do caráter individual do que é transmitido.

De olho nessa operação de análise do material, uma pista interessante é dada por Maurizio Gribaudi quando procura mostrar que a própria e peculiar estrutura dos relatos autobiográficos permite avaliar uma cultura. Segundo Gribaudi, uma leitura analítica de tais relatos é capaz de fornecer muitos elementos para definir acontecimentos e valores essenciais de uma cultura ou de uma comunidade. O pesquisador aponta a importância de considerar a estrutura do próprio relato autobiográfico no momento em que ela não é casual. A seleção e a inserção de certos acontecimentos que dão corpo à narração remetem a específicos modelos narrativos aos quais cada indivíduo faz referência e que trazem as marcas de características e escolhas culturais do grupo de proveniência (Gribaudi, 1978). Nessa perspectiva de análise, é possível detectar, como mostra Gribaudi, especificidades culturais, hierarquias expressadas pelo indivíduo ou pelo grupo. Nesse sentido, é importante considerar a memória e especialmente a sua *função*, que se torna um mecanismo de modelagem da narrativa, no momento que intervém na seleção e na deformação dos acontecimentos, mas que, ao mesmo tempo, pode revelar as atitudes culturais do indivíduo. A reconstituição de um acontecimento, ou sua deformação, segundo Gribaudi, se torna “um momento essencial para uma pesquisa que queira trazer à tona a especificidade de uma área cultural” (Gribaudi, 1978, p. 1132).

\*\*\*

Historiadores sociais, pesquisadores da história oral e os sociólogos que trabalham com histórias de vida parecem destinados a se encontrar. E é nessa chave de convergências que procuramos apresentar alguns aspectos decorrentes da nossa pesquisa. Contudo, queremos frisar que as elaborações apresentadas nesta comunicação são os resultados parciais de uma pesquisa que se encontra em andamento e, portanto

este texto não se propõe como uma reflexão teórica e metodológica definitiva.

O que tentamos mostrar a partir dessas reflexões acerca da micro-história e do método de *história de vida* foi uma avaliação de quais potencialidades e quais limites para a análise de um processo sócio-histórico tais propostas historiográficas e abordagens metodológicas podem proporcionar.

Ao mesmo tempo, esse tipo de avaliação possibilita atinar para uma série de elementos úteis a compreender a reorganização do campo historiográfico contemporâneo. O que podemos concluir a essa altura com relação a essa dinâmica de renovação dos campos de investigação é que, já há pelo menos duas décadas, as perspectivas de investigação do campo historiográfico conheceram tanto uma via de expansão quanto um fenômeno de fragmentação. De acordo com Peter Burke, é possível entender essa ambivalência como um processo dinâmico que abre uma série de possibilidades a serem cuidadosamente consideradas. Segundo Burke, essas mudanças podem favorecer, em um plano geral, a ampliação da esfera de conhecimento humano como também incentivar a um maior cuidado e rigor com os métodos e com o próprio profissionalismo dos pesquisadores como intérpretes do passado (Burke, 2007).

### **Referências bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas-SP: Papyrus, 2007.

BURKE, Peter. *La Storiografia contemporanea*. Bari: Laterza, 2007.

DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DESLAURIRES, Jean-Pierre & KERISIT, Michele. “O delineamento da pesquisa qualitativa” IN: VV.AA. *A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

GRENDI, Edoardo. “Ripensare la microstoria?” IN: REVEL, Jacques (Org.). *Giochi di scala: la microstoria alla prova dell’esperienza*. Roma: Viella, 2006.

GRIBAUDI, Maurizio. “Storia orale e strutture del racconto autobiografico” IN: Quaderni Storici, Anno XIII – N. III, 1978, pp. 1131-1146.

GRIBAUDI, Maurizio. “Scala, pertinenza, configurazione” IN: REVEL, Jacques (Org.). *Giocchi di scala: la microstoria alla prova dell’esperienza*. Roma: Viella, 2006.

FERRAROTTI, Franco. *Storia e storie di vita*, Laterza, Bari, 1981.

LEVI, Giovanni. “A proposito di microstoria”, IN: BURKE, Peter. *La Storiografia contemporânea*. Bari: Laterza, 2007.

LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2000.

LEVI, Giovanni; SCARAFFIA, Lucetta; PASSERINI, Luisa. “Vita quotidiana in un quartiere operaio di Torino fra le due guerre: l’apporto della storia orale”, In: Quaderni storici, n. 35, XII, 1977, pp. 433-449.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LORIGA, Sabina. “La biografia come problema” IN: REVEL, Jacques (Org.). *Giocchi di scala: la microstoria alla prova dell’esperienza*. Roma: Viella, 2006.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza, Metodologia qualitativa de pesquisa. IN: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1991.

PIRES, Álvaro. “Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico” IN: VV.AA. *A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

REVEL, Jacques (Org.). *Giocchi di scala: la microstoria alla prova dell’esperienza*. Roma: Viella, 2006.